

A CONTRIBUIÇÃO DO EDUCADOR SOCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO EDUCATIVO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM UM ABRIGO DO RECIFE

Autor: Thalita Desirree Lemos¹; Co-autor: Ystefhani Cibely Marina Oliveira de Barbalho²;
Orientador: Viviane de Bona³

Universidade Federal de Pernambuco, tatyandora@hotmail.com

Resumo: Sabe-se que a educação é uma prática social, que tem como intuito a formação humana. Não existe uma fórmula exclusiva de se educar, tão pouco, um único ambiente, ou profissional específico para fazer com que a educação aconteça. Partindo desse pressuposto, este trabalho tem o objetivo compreender como educador social contribui para o desenvolvimento educativo de crianças e adolescentes em um abrigo do Recife. Para obter tal compreensão, buscou-se especificamente conhecer as práticas realizadas pelos educadores sociais na rotina das crianças ali abrigadas, analisar se há, e como é elaborado um projeto pedagógico, e identificar se acontece, e como é feito o suporte da pedagoga da instituição aos educandos e educadores sociais. Optou-se pela pesquisa qualitativa de caráter etnográfico, uma vez que para tal compreensão se fez necessário observar e participar da rotina local, além de entrevista estruturada com educadores e pedagoga. Após observações, análise da rotina e vivência entre educadores e educandos, considerou-se que o educador social contribui no desenvolvimento educativo das crianças e adolescentes ali presentes a partir da troca de saberes trazidos como bagagem ao longo da vida, onde ele ensina e aprende com os educandos, construindo assim novas perspectivas de vida para as crianças e adolescentes daquela instituição de acolhimento.

Palavras-chave: Educação não formal; Contribuição; Educador Social, Abrigo.

INTRODUÇÃO

A educação é uma prática social, contudo, há muitas formas de educação e de se educar. Habitualmente, a educação é vista mais comumente como papel a ser realizado pela escola com auxílio dos professores, ou pela família que tem a função de educar para a "vida", passando além do cuidado físico, o cuidado emocional e afetivo, valores éticos e morais que formam o cidadão. Entretanto, sempre esteve presente no contexto das sociedades aquela que hoje chamamos de educação não formal, ou simplesmente a educação popular, inclusive em períodos em que a educação formal era um privilégio para poucos. Toda via, temos hoje a dimensão da importância da educação não formal, que vai além dos portões da escola, ou antecipa esses portões, e que muitas vezes auxilia ou até mesmo substitui a educação familiar em algumas ocasiões. Segundo (BRANDÃO, 2007, p.9) “não há uma forma única, nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor”. O ensino escolar não é sua única prática e o professor profissional não é seu único praticante”. Um exemplo disso é a educação não formal realizada em abrigos, que são espaços

institucionais para pessoas, e entre elas, há um público de extrema importância: as crianças e adolescentes, em condições de vulnerabilidade social, com vínculo familiar fragilizado.

O Educador Social é o profissional que atua diretamente com os usuários acolhidos nestas instituições, e por isso tem um papel importante na vida dos mesmos, na construção de sua cidadania, e preparo para vida em sociedade. Por ser o profissional mais próximo das crianças e adolescentes acolhidos, além dos cuidados necessários, este profissional deve desenvolver atividades que promovam o desenvolvimento integral dos mesmos, principalmente a partir do diálogo. A partir dessa afirmação, foi levantado o seguinte questionamento: Como o Educador Social contribui para o desenvolvimento de crianças em um abrigo do Recife?

Destacamos que a realização desta pesquisa foi de extrema importância pessoal e comum às pesquisadoras, pois foi uma oportunidade de nos aprofundarmos em relação ao assunto abordado, visto que, temos a experiência profissional como Educadoras Sociais em abrigos; sendo essa uma prática que nos desperta satisfação profissional, e provoca o desejo de buscar novos conhecimentos. Consideramos ainda, que este estudo foi importante para o curso de pedagogia, bem como para nossa formação enquanto futuras profissionais da área, porque visou aumentar o conhecimento acadêmico e científico em relação ao tema, entendendo a importância de estudar a especificidade do Educador Social no processo de formação integral das crianças e adolescentes acolhidas, e propondo maior atenção e relevância ao Educador Social na grade curricular do curso de pedagogia.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo: Compreender o papel do educador social para o desenvolvimento educativo de crianças e adolescentes em um abrigo do Recife; E buscou especificamente conhecer as práticas realizadas pelos educadores sociais na rotina das crianças ali abrigadas, analisar se há, e como é elaborado o projeto pedagógico, e identificar se acontece e como é feito o suporte da pedagoga da instituição aos educandos e educadores sociais.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi qualitativa de caráter etnográfico, por este tipo de pesquisa caracterizar-se pela busca de resultados a partir da interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado. Onde o pesquisador é o principal instrumento da coleta de dados, com ênfase no processo de construção e não nos resultados finais do estudo (ANDRÉ, 2005). Para André (2005, p.25), outra particularidade do estudo etnográfico é “a preocupação com o significado,

com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca. O pesquisador deve apreender e retratar essa visão pessoal dos participantes”.

Para a coleta dos dados foram utilizadas técnicas de pesquisa relacionadas a etnografia: a observação participante, a entrevista e a análise documental. A observação participante é definida por aquela onde ocorre a interação do pesquisador com a situação estudada, a afetando e sendo afetado (ANDRÉ, 2005, p.24). Foi observada a prática profissional e pedagógica dos educadores junto as crianças e adolescentes acolhidas no abrigo, realizando registros no diário de campo. As entrevistas realizadas foram do tipo estruturada, que de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 197) é “aquela que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido, as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas”. A inviabilidade de entrevistar toda a equipe devido à indisponibilidade de tempo dos profissionais impôs a necessidade de se estabelecer uma amostra de profissionais, dos quais foram entrevistados: três educadores (um de cada plantão) doravante, nomeadas aqui por E1, E2 e E3 e a pedagoga abrigo. Estes profissionais correspondem a um recorte homogêneo da equipe, e nos auxiliou na compreensão do questionamento proposto pela pesquisa. A análise de documentos ocorreu no sentido de conhecermos a história da instituição, a dinâmica de trabalho, as normas, o plano pedagógico da mesma e processos que promovem a prática profissional dos educadores junto às crianças acolhidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada em um abrigo localizado no Barro, bairro situado na cidade do Recife, onde optou-se pela não identificação da instituição, por se tratar de uma casa de acolhimento de crianças e adolescentes em situações variadas de risco e vulnerabilidade. Este abrigo, recebe crianças de 0 a 12 anos, tendo 13 crianças acolhidas na instituição no período de realização da pesquisa, que foi de março a junho de 2017.

O abrigo representa um espaço de acolhimento e proteção provisória para crianças e adolescentes que tiveram seus direitos básicos violados e, ou ameaçados seja por omissão ou abuso dos responsáveis, pela ação ou omissão do estado ou em razão de sua própria conduta. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei de Nº 8.069 de 1990, documento que define os direitos das crianças e dos adolescentes, qualifica o abrigo como:

Serviço que oferece acolhimento provisório para crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva, em função de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitados de cumprir sua função de cuidado e proteção, até que seja

viabilizado o retorno ao convívio com a família de origem ou, na sua impossibilidade, encaminhamento para família substituta (BRASIL, 2009a, p. 63).

O trabalho do educador social junto a crianças e adolescentes acolhidos nestes espaços baseia-se no desenvolvimento de ações socioeducativas, além dos cuidados com higiene, alimentação, saúde, educação, proteção e etc. além disso, é função do educador estimular projetos e propostas de vida e aguçar a vontade e transformação de suas realidades (FERNANDES, 2007, p.71-72). Para Guará: “o respeito a integridade física, psíquica e moral, à preservação de imagem e à construção da identidade e da autonomia deve ser observado pelos educadores”. (GUARÁ, 2006, p. 64).

Utilizando a observação, análise documental, coleta de dados e a partir das entrevistas realizadas, percebeu-se que o abrigo está de acordo com as principais atribuições propostas nas “Orientações técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes”, estabelecidas pelo CONANDA. O escrito define que as principais atividades que devem ser desenvolvidas nestes espaços:

- Cuidados básicos com alimentação, higiene e proteção;
- Organização do ambiente (espaço físico e atividades adequadas ao grau de desenvolvimento de cada criança ou adolescente);
- Auxílio à criança e ao adolescente para lidar com sua história de vida, fortalecimento da autoestima e construção da identidade;
- Organização de fotografias e registros individuais sobre o desenvolvimento de cada criança e/ou adolescente, de modo a preservar sua história de vida;
- Acompanhamento nos serviços de saúde, escola e outros serviços requeridos no cotidiano. Quando se mostrar necessário e pertinente, um profissional de nível superior deverá também participar deste acompanhamento;
- Apoio na preparação da criança ou adolescente para o desligamento, sendo para tanto orientado e supervisionado por um profissional de nível superior. (BRASIL, 2009a, p.66)

A partir das colocações acima apresentadas, é possível afirmar que o educador social se torna referência para as crianças e adolescentes acolhidos por fazer parte de seu cotidiano, por isso é importante que a relação entre estes e aquele, aconteça da forma mais acolhedora possível. Um dos principais objetivos do educador, é o de estimular crianças e adolescentes:

[...] à (re)construção da identidade, da auto-imagem e autoestima positivas, da capacitação de lidar com limites, regras e deveres da vida em sociedade, ou seja, organizando as condições educativas favoráveis às manifestações das potencialidades criativas, afetivas, intelectuais e morais [...]. (GRACIANI, 2001, P.196)

Neste trabalho foram entrevistadas três educadoras, doravante nomeadas por E1, E2 e E3, que têm entre 47 e 50 anos. Quanto à formação escolar a primeira educadora (E1) possui o Ensino Fundamental completo; a segunda educadora (E2) tem formação técnica em enfermagem, e a terceira (E3) iniciou o curso de serviço social, no entanto não consegue seguir o curso, devido ao horário de trabalho.

Quando questionadas sobre como se tornaram e há quanto tempo atuam como educadoras da instituição, as três relataram que este é o primeiro espaço que atuam como educadoras sociais, e que chegaram até a instituição há sete anos, quando a atual casa foi construída, onde que receberam o convite de trabalho.

Na entrevista, todas as educadoras (E1, E2 e E3) relataram que sentem muita satisfação no trabalho com as crianças e adolescentes. Informaram ainda, que durante seus plantões são elas mesmas que preparam as refeições oferecidas na instituição. Ainda dentre as funções que executam, levam os educandos à escola, auxiliam nos exercícios escolares, acompanham ao médico, passeios, e garantem todo o cuidado necessário para integridade física dos mesmos.

No entanto, quando questionadas sobre quais os tipos de trabalhos pedagógicos realizam, as duas primeiras educadoras entrevistadas (E1 e E2) afirmam que além dos brinquedos pedagógicos já inseridos na casa, torna-se difícil o planejamento e realização de atividades pedagógicas, pois encontram uma variedade de idades entre as crianças acolhidas, e por isso, sentem uma imensa dificuldade de realizar atividades, além de todo trabalho que tem durante a duração do plantão. Relatam ainda não ter nenhum conhecimento para realização de tais atividades. A terceira educadora (E3), que iniciou o curso de serviço social, relata que tem tentado dentro do possível e de suas condições de tempo, junto a sua parceira de plantão, fazer atividades como leitura para as crianças, jogos educativos; mas assim como as demais educadoras, diz que o tempo é curto para a demanda de serviços que a instituição apresenta, e que não há nenhum preparo ou formação pedagógica para que consigam desenvolver essa parte do trabalho e que não há auxílio da pedagoga para tal.

Questionadas sobre como acreditam contribuir para formação das crianças e adolescentes que estão ali, ou que passaram por ali, a educadora (E1) responde que contribui no amor que leva para os educandos, que em sua maioria, vêm totalmente devastados em suas afetividades familiares, e julga o amor, como fator mais importante durante o tempo que passam ali; além de dar as crianças e adolescentes educação para vida, de acordo com seus

saberes. A educadora (E2) acredita que a convivência e a troca de saberes, o acolhimento dos anseios e angústia dos educandos, contribuem para o desenvolvimento emocional e físico dos mesmos. A educadora (E3) afirma que o cuidado, as conversas e conselhos, os abraços e até mesmo as “broncas”, faz com que os mesmos se sintam importantes e acolhidos. Sendo assim, como disse Gohn, (2010 p.16), “A educação não formal é aquela que se aprende no mundo da vida”. Ainda segundo a terceira educadora (E3), tem feito o possível em sua contribuição para que seus educandos se tornem pessoas que façam e queiram apenas o bem, os aconselha para que possam superar os traumas vividos, e para que percebam que existe muito mais a oferecer e receber da vida. A segunda entrevistada (E2) nos falava que com os pequenos entre um e cinco anos, o processo de educar torna-se mais fácil, pois, segundo ela, as crianças nessa faixa etária não têm muita consciência de tudo que passaram em suas vivências, já, a partir dos cinco anos, torna-se mais difícil convencê-los a aceitar as regras impostas, pois, muitos trazem em sua bagagem cultural e histórica, pontos de vista sobre a vida e comportamentos bem obscuros, no entanto, é possível perceber que apesar das dificuldades, com diálogo e persistência na imposição das regras e aconselhamento na forma como comportar-se, eles conseguem superar muitas barreiras, e passam a ter novos olhares e concepções sobre o mundo.

Como se pode perceber, estas profissionais têm grande importância na construção do ambiente onde atuam, e trazem uma contribuição cultural e dinâmica para os educandos. De acordo com Maria da Glória Gohn:

O Educador Social é algo mais que um animador cultural, embora ele também deva ser um animador do grupo. Para que ele exerça um papel ativo, propositivo e interativo, ele deve continuamente desafiar o grupo de participantes para a descoberta dos contextos onde estão sendo construídos os textos (escritos, falados, gestuais, gráficos, simbólicos etc). Por isto os Educadores Sociais são importantes, para dinamizarem e construir o processo participativo com qualidade. (GOHN, 2010, p.50-51)

Apesar de não haver uma proposta elaborada pedagogicamente de forma específica, com objetivo de trabalhar suas identidades e sua reconstrução, as educadoras vêm buscando identificar nos educandos suas particularidades, e tentam trabalhá-las junto aos mesmos, respeitando seus limites, para que eles saibam que há outras possibilidades e que podem tornar-se protagonistas de suas vidas. Conforme abordado por Graciani:

[...] à (re)construção da identidade, da auto-imagem e autoestima positivas, da capacitação de lidar com limites, regras e deveres da vida em sociedade, ou seja, organizando as condições educativas favoráveis às manifestações das

potencialidades criativas, afetivas, intelectuais e morais [...]. (GRACIANI, 2001, p.196)

Todas as educadoras (E1, E2 e E3) são incisivas ao dizer que a maior dificuldade que encontram durante a realização de seu trabalho como um todo, é lidar com as diferentes histórias de vida, os diferentes traumas e as diferentes idades, pois é no convívio, até mesmo entre os educandos que muitos “gatilhos” de memória e comportamentos são reproduzidos, tendo as educadoras sociais a função de auxiliá-los emocionalmente.

Percebeu-se durante o processo de observação, que seja com dialogo, demonstrações de afeto, as três educadoras entrevistadas (E1, E2 e E3), e os demais educadores da instituição, estão sempre afirmando que eles não são os culpados pelas violências que sofreram ou presenciaram, e que é possível acreditar em si próprio. Pode-se identificar que apesar das dificuldades enfrentadas, era de fato é importante saber lidar com as individualidades de cada um, e que dentro de suas limitações, as educadoras tinham tido essa responsabilidade e cuidado. Guara, nos traz essa reflexão sobre, quando aborda:

É fundamental o respeito à individualidade dos abrigados, compreender suas particularidades, seus limites e suas potencialidades, apoiando as crianças em momentos de dificuldades e favorecendo situações que promovam seu desenvolvimento integral. (GUARA, 2006, P.64)

Todas as três educadoras (E1, E2 e E3) relatam saber deixar marcas na vida de seus educandos e que também tem suas vidas modificadas pelo convívio com os mesmos.

A primeira educadora (E1), diz que se sente como uma tia ou avó, e mesmo sendo pressionada pela direção da instituição para o cuidado com o envolvimento emocional, a educadora diz ser impossível separar o pessoal do profissional, e que percebe o mesmo da parte dos educandos, que também se envolvem emocionalmente, e que existe uma gratidão mútua durante o tempo que permanecem ali.

A segunda educadora (E2) relata que o amor e as trocas entre eles fazem toda diferença na vida dela, pois a mesma já foi uma criança abrigada, e supera muitas coisas naquele ambiente, e sabe fazer a diferença na vida daquelas crianças e adolescentes, afirma que é no amor que recebe deles que se renova, e que percebe que os educandos também são renovados, enxerga como começam a ser capazes de reconhecer seus erros, de pedir desculpas, e passam a reconhecer suas identidades.

A terceira educadora (E3) se emocionou bastante durante seu relato, e falou da imensa satisfação que sente ao receber todo amor e carinho por parte das crianças e adolescentes, que

guarda as cartas que recebe e recebeu dos educandos que estão e ou passaram pela instituição, que sua maior satisfação é vê-los saindo da instituição e retornando as suas famílias recuperadas, ou, para uma nova família que lhes dê o amor e cuidado que merecessem. Segundo Gohn (2010 p. 54), “Todas as atividades desenvolvidas pelo educador social devem também buscar desenhar cenários futuros, os diagnósticos servem para localizar o presente, mas também para estimular imagens e representações sobre o futuro”. Ficou claro no relato das três educadoras (E1, E2 e E3) a relação de troca e aprendizagem entre elas e seus educandos. Acredita-se que muito se agrega em ambas as partes durante o processo de convívio e que a partir desta convivência, suas atitudes e consciências podem ser construídas e desconstruídas. Portanto:

O aprendizado do Educador Social numa perspectiva da educação não formal realiza-se numa mão-dupla - ele aprende e ensina. O diálogo é o meio de comunicação. Mas a sensibilidade para entender e captar a cultura local, do outro, do diferente, do nativo daquela região, é algo primordial. (GOHN 2010, p. 51)

A pedagoga entrevistada atua na unidade há seis anos, mas a pouco mais de um ano, a instituição de acolhimento que é mantida a partir de doações e projetos sociais, ficou sem recursos financeiros para custear a profissional, por isso atualmente a mesma presta um trabalho voluntário, estando presente na instituição uma vez na semana, pois a mesma também possui outro vínculo empregatício.

O papel do pedagogo em instituições de acolhimento consiste em tornar este espaço um lugar educativo, possibilitando o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes. Ressalta-se que formação profissional do pedagogo deve englobar a formação pedagógica não só para a docência e espaços formais de educação, mas também para espaços não formais, entendendo estes a partir da definição de Gohn:

É um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. (GHON, 2010, p.33)

O fato de não ter este profissional atuando regularmente na instituição, torna precário o serviço, pois a demanda de trabalho é muito extensa para o pouco tempo da profissional na unidade.

Ao que tange o projeto pedagógico, a pedagoga relata que foi elaborado um projeto pedagógico para a unidade anteriormente, que era executado por ela e educadores, mas atualmente os educadores não realizam as atividades pedagógicas propostas, pois, existe uma grande quantidade de atribuições a serem realizadas por eles, uma série de cuidados com as crianças menores, para poucos profissionais no plantão (sendo 2 educadores em cada plantão).

Vale salientar que para Izar:

o projeto pedagógico das instituições de acolhimento se diferencia do projeto pedagógico das instituições escolares por ser mais amplo, não se restringido à linha de ação da pedagogia, mas perpassando as áreas do direito, da psicologia e do serviço social, tendo como foco não somente o acolhido institucional, mas a relação com sua família e a comunidade na qual ela se insere. (IZAR, 2012, p.8)

A mesma diz que nos dias em que está presente na instituição auxilia apenas as crianças que necessitam de reforço escolar, pois, durante o curto tempo disponível não consegue elaborar outras atividades com as crianças e adolescentes, tão pouco, dar apoio aos educadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerou-se a partir das observações, análises documentais e entrevistas, que apesar das dificuldades, da inexistência de um projeto pedagógico, além a falta de suporte por parte da pedagoga aos educandos e educadores, e levando em consideração também o extremo acúmulo de funções das educadoras sociais, conclui-se que o trabalho por elas realizado auxilia e contribui imensamente no desenvolvimento das crianças e adolescentes ali presentes. Este fato se concretiza por meio do apoio que as educadoras dedicam ao processo de educar, o que contribui no desenvolvimento físico e emocional das crianças e adolescentes acolhidas, ou seja, no desenvolvimento dos educandos como um todo para suas formações como cidadãos. A troca de saberes entre educadores e educandos mesmo que sem cunho pedagógico específico, não diminui ou despreza a riqueza de suas sabedorias, adquiridas por meio das experiências vividas, trazidas como bagagens ao longo da vida. Há também os saberes que constroem juntos diariamente, diante das dificuldades, reflexões e soluções buscadas.

Sendo assim, as educadoras acabam por contribuir na construção de novas oportunidades, perspectivas junto aos educandos. Em seu papel, as educadoras sociais acabam educando as crianças e adolescentes que passam por aquela instituição para a vida, por meio de cuidados e diálogos regados de respeito e bem querer.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 2005.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação?** 49. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL, **Conselho Nacional de Assistência Social**. Orientações Técnicas: Serviços de acolhimento para crianças e adolescentes. 2009a. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/programas/pdf/orientacoes-tecnicas.pdf> > Acesso em: 01 de set. 2018

_____. BRASIL. LEI FEDERAL Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990b. **Estatuto da Criança e Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 01 de set. 2018

FERNANDES, D. S.; SANTOS, D. C. P; GONTIJO, D. T. Percepções dos Educadores Sociais do cotidiano de um abrigo para crianças. **Estudos**. Goiânia, v. 34, n. 1/2, p. 71-84. Jan. / Fev. 2007.

GONH, M. G. **Educação Não Formal e Educador Social: Atuação no desenvolvimento de Projetos Sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia social de rua: análise e sistematização de uma experiência vivida**. 4. ed. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001.

GUARÁ, I. M. F. R. **Abrigo – Comunidade de Acolhida e Socioeducação**. Disponível em: < <http://www.neca.org.br/wp-content/uploads/abrigo-miolo.pdf> > Acesso em: 01/09/2018

IZAR, J. G. **O Projeto Pedagógico em Instituições de Acolhimento para Crianças e Adolescentes**. Disponível em: < <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v1/41.pdf> > Acesso em: 02 jul. 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

